

## A INTERMEDIÇÃO DAS CARTAS. MURILO MENDES ESCREVE A GUILHERMINO CESAR

Tania Franco Carvalhal\*

“Há muito tempo, sim, que não te escrevo,  
Ficaram velhas todas as notícias.”

diz Carlos Drummond de Andrade no poema “Carta”, de *Lição de Coisas*, quando escreve para sua mãe e usa a missiva como recurso estratégico para liberar a memória e resgatar no tempo sua feição de menino.

Não é outra a intenção de Sophia de Mello Breyner Andersen na “Carta de Natal a Murilo Mendes”, escrita em 1975, ano do falecimento do poeta, ao adotar também a estratégia de recuperar no passado a presença/imagem que pretende eternizar. Ali se lê:

“Querido Murilo: será mesmo possível  
Que você este ano não chegue no Verão  
Que seu telefonema não soe na manhã de Julho  
Que não venha partilhar o vinho e o pão

Como eu só o via nessa quadra do ano  
Não vejo a sua ausência dia-a-dia  
Mas em tempo mais fundo que o quotidiano

Descubro a sua ausência devagar  
Sem mesmo a ter ainda compreendido  
Seria bom Murilo conversar  
Neste dia confuso e dividido

---

\* Pesquisadora do CNPq. Professora Orientadora do PPG em Letras da UFRGS. Vice-presidente da AILC/ICLA.

“Hoje escrevo porém para a Saudade  
-Nome que diz permanência do perdido  
Para ligar o eterno ao tempo ido  
E em Murilo pensar com clareza”

E o poema vai em vez desse postal  
Em que eu nesta quadra respondia  
- Escrito mesmo na margem do jornal  
Na baixa – entre as compras de Natal

Para ligar o eterno e este dia.”<sup>1</sup>

Por sua vez, Guilhermino Cesar (1908-1993), mineiro de Pinheiros (atual Pinhotiba) do município de Eugenópolis, escreve de Coimbra um “Bilhete para Cataguases”, lugar de sua infância onde a chuveirinha era sedativo (“Em família”):

“A Sé Velha bate que bate:  
*A poesia chegará.*”

O poema, escrito em 1965, alude à situação política do país, submetido à ditadura. Nele, o refrão *A poesia chegará* corresponde à liberdade, menção a um tempo livre para o qual a poesia é via de acesso. Por isso, o poema se conclui assim:

“Se é possível aspirar,  
eis a minha aspiração:

Pelo sino da Sé Velha  
achado no temporal,  
por aquele som lavado

---

<sup>1</sup>Mello Breyner Andersen, Sophia de. In: *Murilo Mendes. Poesia completa e Prosa*. [Org. Luciana Stegagno Picchio] Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994, p.62.

medir vida, medir passo,  
versos, soluços, abraços.  
*E a poesia chegará.*<sup>2</sup>

E Murilo Mendes? O poeta escreve poemas muito particulares, próprios e singulares, que se designam *Murilogramas* ou como disse Drummond, este

“Peregrino europeu de Juiz de Fora,  
telemissor de murilogramas e grafitos  
instaura na palavra o seu império.”

Os exemplos aqui evocados são cartas, são poemas, capazes de mediar passado e presente, pois estabelecem nexos entre espaços, aproximam quem está aqui e agora do que, distante, se perde no tempo. A função pragmática das cartas – a que motiva e justifica sua escrita – quer dizer, a necessidade dos contatos, de enviar mensagens, de contar e de informar se associa, no universo da poesia, a outras finalidades menos práticas e objetivas mas seguramente igualmente necessárias como a de alimentar o imaginário e a de resgatar o perdido. Ou assegurar uma presença, como no verso de Sophia, “a permanência do perdido”.

Há aquelas que integram as duas feições: são objetivas e ao mesmo tempo são imaginativas e por vezes líricas. Não haverá – sabemos – na literatura brasileira melhores exemplos de variedade epistolar do que na vasta correspondência já publicada daquele que Pedro Nava chamou de “correspondente contumaz”, Mário de Andrade. Muito das cartas, não só o seu teor mas o seu tom depende do destinatário. A figura daquele a quem a carta se destina orienta sua formulação e define sua escrita. O próprio Mário aponta para isso quando escreve, em 16 de março de 1944, a Carlos Drummond de Andrade dizendo: “Não vou tirar disso a ilação

---

<sup>2</sup> Cesar, Guilhermino. In: *Lira Coimbrã*. Coimbra, Livraria Almedina, 1965, p.13.

generalizada de que todas as minhas cartas tivessem em mim essa integralidade, essa dádiva sublime de amigo das que escrevo a você, ao Manu, a pouco mais. Deve haver por aí muita carta minha que não passa de ... poema de circunstância, eu sei. Mas também serão as que não têm interesse maior do que os duzentos réis do cafezinho de passagem.” ( In *Lição do Amigo*, Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1982, p.216.)

#### As cartas de Murilo a Guilhermino

As cartas que Murilo Mendes (1901-1975) escreve a Guilhermino Cesar quando este dirigia a página literária do jornal Estado de Minas contém poemas. A correspondência, portanto, não se restringe a um contato de amigo mas envolve também o interesse de um poeta em ser publicado em jornal de boa circulação. Com efeito, Guilhermino dava espaço na seção “Vida Social”, com o subtítulo de “Para ler e cortar”, a seus contemporâneos, publicando poemas e notas críticas de vários autores. Ali encontramos textos de Drummond (Antonio Crispim), de Augusto Meyer, de João Alphonsus, de Cassiano Ricardo, Cyro dos Anjos, Ribeiro Couto, Rosário Fusco e do próprio Guilhermino entre outros. O jornal, fundado em 7 de março de 1928, não circulava às segundas-feiras e tinha suas 6 páginas diárias acrescidas para 10 nos domingos. Os poemas eram publicados em uma pequena coluna, à esquerda e no alto da página (que podia ser a de número 3, 4 ou 5) e em qualquer dia da semana.

Murilo inicia a correspondência para Guilhermino em 26.12.1928 com uma primeira carta, remetida do Rio de Janeiro, em papel do Banco Mercantil daquela cidade onde o poeta era escriturário.

A segunda, no ano seguinte (de 19.6.1929), tem a mesma procedência, com a indicação de endereço do remetente, Praia do Botafogo, 400. As demais foram enviadas de Pitangui, em Minas Gerais exceto uma, a de 30.11.1930, escrita em papel timbrado do Gabinete do Presidente

do Estado de Minas, em Belo Horizonte. É possível que Murilo estivesse em visita ao jornal e não encontrando o amigo deixa-lhe os poemas com uma carta.

As dez cartas de Pitangui começam em dezembro de 1930 e seguem, com regularidade, até maio, quando se interrompe a correspondência. São essas as cartas que contém maior número de poemas indicando uma produtividade intensa que se reafirma na bibliografia do poeta. Lembre-se que Murilo publica seu primeiro livro *Poemas (1925-1929)*, em Juiz de Fora, em 1930, recebendo naquele ano o Prêmio Graça Aranha de poesia. Já no ano seguinte escreve o auto “Bumba-meu-poeta” que será publicado na *Revista Nova*, por Paulo Prado. É deste ano o artigo de Mário de Andrade intitulado “A poesia em 1930”. *Poemas* é um dos quatro livros escolhidos como exemplares no dizer do crítico paulista (“as lições literárias do ano, dirá Mário. Quatro livros de poetas na força do homem”).

Murilo divide o espaço com Drumond em *Alguma Poesia*, com *Libertinagem*, de Bandeira e *Pássaro Cego*, de Augusto Frederico Schmidt. Do livro de Murilo escreve Mário: “Historicamente é o mais importante dos livros do ano. [...]Impenetrável, visceral, inconfundível, há brasileirismo tão constante no livro dele, como em nenhum poeta do Brasil”<sup>3</sup> Em 1932, o poeta publica no Rio de Janeiro o livro de poemas-piada intitulado *História do Brasil*.

Voltemos às cartas, ressaltando seus aspectos materiais.

Os envelopes, remetidos por correio, vinham endereçados a

Guilhermino Cezar.

“O Estado de Minas”

Praça Sete

Bello Horizonte

---

<sup>3</sup> Andrade, Mario de. In: *Aspectos da poesia brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p.43.

sem indicação de remetente. Em envelope comum, sem nenhuma indicação particular a maioria delas. Poucas são enviadas no mesmo envelope timbrado onde se lê “Onofre Mendes Junior. Advogado”. (Murilo emprestava a seu irmão o papel e o envelope).

#### O acesso às cartas e aos poemas

É preciso referir que Guilhermino Cesar se transfere de Minas para o Rio Grande do Sul em 1943 e ali permanece até seu falecimento. Fundador da cátedra de Literatura Brasileira da então Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ali leciona até sua aposentadoria compulsória. Pesquisador incansável, tinha um excelente arquivo onde guardava, entre outras preciosidades, uma pasta, identificada de próprio punho com os dizeres: “Murilo Mendes. Cartas e Poemas”. Um de seus hábitos era o de guardar documentação relativa a outros escritores e à própria produção literária em pastas iguais àquela. Pastas simples, presas com elástico e de cores variadas.

Ainda enquanto vivia, Guilhermino Cesar entregou-me a pasta de Murilo, explicando que seu conteúdo era decorrente da correspondência que se estabelecera entre ambos naquele período. Chamava minha atenção para o ineditismo de vários poemas e pediu-me que me ocupasse deles. É o que faço, com o consentimento de Maria da Saudade Cortesão Mendes, esposa do escritor, e de Guilhermino Augusto Cesar, filho do escritor. Concluído o estudo, os resultados da pesquisa e análise dos textos serão publicados em livro.

#### Etapas da leitura

Natural que em se tratando de cartas e poemas de Murilo Mendes nossa curiosidade se agigante. Fui à procura dos jornais e a pesquisa no periódico, de 1928 a 1931, permitiu identificar cinco poemas de Murilo ali publicados, um em 1930 e os demais no ano seguinte. São

eles: “Coração do Povo” (em 12.4.31), “O anjo da ordem” (em 4.9.31), “Fui no Tororó” (27.5.31), “Oportunidade” (19.5.31) e “Saudação a Julio Verne”, em 5 de junho de 1930. Curiosamente nesta primeira publicação o nome do poeta aparece completo: Murilo Monteiro Mendes. Os cinco poemas estão nas cartas enviadas a Guilhermino. Mas há muitos mais, num total de 65 poemas.

Interessante igualmente é a possibilidade de contextualizar os poemas e os artigos de fundo pelas circunstâncias de época. Os anos de 1928 a 1931 são de intensa mobilização política no país e as páginas do jornal a registram. Em 16 de janeiro de 1930, por exemplo, João Pessoa, então Presidente da Paraíba, visita Belo Horizonte e sua presença provoca grande entusiasmo popular.

O trabalho que segue é o da colação de textos onde não apenas interessa identificar os poemas que já foram publicados mas também cotejar sua formulação definitiva, impressa, com a feição manuscrita, original. As alterações introduzidas são indicativas de andamentos críticos e a própria seleção feita pelo autor entre os poemas para fins de publicação é significativa para nossa leitura.

Igualmente as cartas têm interesse. Algumas delas apenas falam do poeta, da vida que leva, de seu cotidiano. Outras permitem o comentário mais amplo, de interesse coletivo, sobre a situação do país, sobre arte e sobre a vida literária.

Mas há ainda um outro aspecto que torna peculiar esse conjunto de cartas: a escrita, a letra do poeta. Sua ortografia é variada. Em algumas, Murilo quase “desenha” o nome e as palavras. Como se desejasse, de repente, ocultar-se sob escrita alheia, sem se deixar identificar. Ou, talvez, essa variação corresponda a formas de ser diferenciadas que se expressam por letras diversas. O estudo da grafia abre, portanto, uma perspectiva interessante que ainda nos diz sobre as relações de Murilo com a pintura.

São dados como esse que convertem o conjunto de cartas e poemas em objeto de inquirições que se multiplicam, assumindo diferentes perspectivas. Portanto, as cartas de Murilo não nos levam apenas a seu destinatário, ou ao periódico onde os poemas se publicam, mas à poesia brasileira, ao momento vivido e ao conjunto de sua obra onde os poemas remetidos nas cartas são presença dispersa e por vezes ausência. Cabe, portanto, buscar a ordem em que ali aparecem e tentar reconstituir parte dessa história de que aqui apenas se quis dar notícia.